

o Ilustrado



DIRECTOR
CONSELHEIRO X X



RIO DE JANEIRO

31 de Julho de 1926



Anno V - Num. 234



Neste livro, "Amôr e Gôso",
Parece mais linda a rima

E o verso mais saboroso
Quando a mulher lê por cima!

ACABA DE APPARECER

EM NOVA EDIÇÃO:

Conselheiro XX (HUMBERTO DE CAMPOS)



ANDRÉ
GUEVARA

PEDIDOS À

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 — Rio de Janeiro

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semnario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua da Quitanda, 59 — Telephone Norte 7703

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:		Capital:	
Anno.	30\$000	Numero avulso	\$500
Anno (sob registro) ...	50\$000	Atrazado.	\$600
Numero avulso	\$600	Idem, sob registro mais.	\$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:		Registrado:	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre.	30\$000	Semestre	35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couché		Em papel assetinado	
1 pagina	250\$000	1 pagina	200\$000
1/2 "	130\$000	1/2 "	110\$000
1/4 "	70\$000	1/4 "	60\$000
Capa anterior - (cores) ..	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2a. a	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu proprietario,
Humberto de Campos

FALLENÇA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizo a mui conhecida firma Rins, Bexiga, Prostate & Cia., doença collectiva por acções do porador, está condemnada a desaparecer de circulação desde que seja atacada no fôro intimo pelo admiravel curador que se chama BLENOL e se encontra em todas as boas pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

X

A galanteria é um jogo em que todo o mundo trapaceia: os homens jogam a sinceridade, e as mulheres o pudor. — J. B. Say.

X

A galanteria é a arte de dizer cortezmente ás mulheres o contrario do que se pensa a respeito d'ellas. — Rochebrune.

X

As mulheres não devem ser atacadas pelos sentidos: os seus pontos fracos são a imaginação, o coração e a vaidade. — Saint-Prosper.

A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

Executa com perfeição e nitidez impressões de albuns, revistas e
- - todo e qualquer trabalho concernente ás artes graphicas - -

Especialidade em impressões de chromos, trichromias, etc.

Hermes Pottes

RUA PAULO FRONTIN, 103

Telephone: CENTRAL 2795

(Esplanada do Senado)

RIO DE JANEIRO

A unica explicação

O illustre professor, que foi tambem apreciavel homem de letras, tanto andou em más companhias que acabou emporcalhando a lingua até á larynge. Os vocabulos insultuosos têm, na sua bocca, o sabor de um manjar. Por isso, quando passa, rumo de casa, ou rumo da cidade, por perto do guarda-civil da sua rua, é sempre para dizer uma obscenidade. O guarda ri-se, lisongeadó, e elle segue o seu caminho.

Uma noite destas, ia elle para casa, preocupadissimo com a situação do cargo que exerce, quando, ao passar por dois guardas, que conversavam, não se apercebeu disso.

— Esse não é o doutor? — estranhou um delles.

— E'.

— E não disse nem uma "besteira" p'ra gente?

— Não, — confirmou o outro.

E justificando aquella gravidade:

— Quem sabe se elle não vae bebado?

X

Com a belleza, não ha desgraça de que a mulher não se possa consolar; sem ella, não ha felicidade que 'a satisfaça. — Saint Evremond.

X

O homem que bate em uma mulher é um miseravel a quem se elogia chamando de covarde. — Tobin.

A Torre Eiffel

ARTIGOS FINOS PARA
HOMENS E MENINOS

ALFAIATARIA DE 1.^a ORDEM

"MALAS ARMARIO" E TODOS OS
ARTIGOS NECESSARIOS
PARA VIAGEM

FARDAS E ENXOVAES PARA
TODOS OS COLLEGIOS

(EXECUTAM-SE COM A
MAXIMA BREVIDADE)

97, Rua do Ouvidor, 99

As mulheres bonitas são sarcaes eriçados de espinhos, cujas flores nos attraem; quanto mais cortamos estas, mais aquelles nos martyrisam.
— Doncourt.

A Saude do Homem

Approvada pela Directoria Geral de Saude Publica em 14 de Novembro de 1918 sob o Numero 709

Novo medicamento reconstituinte, que actúa directamente produzindo uma renovação energica, um rejuvenescimento dos nervos. O unico que cura a impotencia. E' o paraizo dos velhos porque faz reaparecer em pouco tempo, a força mais preciosa que o homem perde pelo prolongamento da idade ou por outras causas, sem causar damno á saude.

Unico fabricante: Antonio Guilherme & Filho — Pharmaceuticos e Droguistas
BREJO — MARANHÃO

Vende-se em todas as Drogarias e boas Pharmacias

Depositarios no Rio: SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA. — RUA PRIMEIRO DE MARÇO N. 4



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.
À VENDA NAS BONS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO
LIC. B.R.S. PUBLICA Nº 489 DE 16-9-905 (MARCA REGISTRADA)

— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabelo

Deposito : Pharmacia e Drogaria Giffoni — 1.º DE MARÇO 17

As mulheres não podem comprehender que haja
homens desinteressados em relação a ellas. =
Yauvernaques.

* * *

As mulheres adivinham que são amadas, antes
que se lhes diga. = **Marivaux.**

* * *

Quem fala bem das mulheres não as co-
nhece bastante; quem só fala mal d'ellas, não
as conhece nada. — **Pigaul-Lebrun.**

* * *

As mulheres nunca são tão fortes como
quando se armam da sua fraqueza. — **Cervantes.**

As corteças desejam aos seus amantes toda a
sorte de bens, excepto a razão e a prudencia. —
Antisthenes.

* * *

O coração das corteças é como um espelho que
reflecte todos os objectos que lhe apresentam, sem
conservar jamais a menor recordação. — **De Bièvre.**

* * *

Mais que o amor, a curiosidade ha perdido as
mulheres. = **Mme. de Puyssieux.**

* * *

Uma mulher cumpre mais facilmente o seu
dever por amor do que por medo. — **Terencio.**

CAPILLOTONICO

CONTRA

PELLADA — CALVICIE
QUÉDA DO CABELLO
CASPA, etc.

Maravilhosa combinação de tinturas da nossa Flora

Licença N. 3951 de 5-8-25 do D. N. S. P. — A' venda nas drogarias, farmacias e perfumarias.

Depositario : **PLINIO CAVALCANTI & C.** — **ALFANDEGA, 147**

EDUCAÇÃO PHYSICA

Natação por André Brum

A natação é considerada, desde o tempo dos Pharaós, o meio mais aquático de desenvolvimento physico. E' por meio de um uso constante e methodico d'este sport que as baleias conseguem adquirir a corpulencia de que gosam e é do dominio publico. A natação divide-se em duas especies: natação liquida e natação solida, sendo esta preparatoria d'aquella e muito menos perigosa.

Por ella começaremos. Para se adestrar um adulto, ou mesmo uma creança, na natação solida deverá, em primeiro lugar, revestir-se d'um fato velho. Em seguida, escolherá o local onde deseja praticar, o qual poderá ser uma mesa de casa de jantar, o oleado de um corredor, um sótão, etc. Ha quem aprenda a nadar em cima d'um bilhar; mas para isso é preciso, ser dotado de meios de fortuna, pois o bilhar custa entre dois tostões e doze vintens a hora. Além de que os bilhares de russiana podem dar lugar a lamentaveis desastres, arriscando-se o praticante a perder pé nos buracos de que esses bilhares são munidos.

Escolhido o local, o alumno precipitar-se-á com todo o vagar, de barriga para baixo ou para cima, conforme quizer apprender a nadar de costas ou de frente. Em seguida, pondo os braços na direcção do corpo, palmas da mão unidas começará descrevendo semicirculos com os membros superiores até baixar nas coxas. Deverá tambem encolher as pernas e estendel-as,

ao par e passo que executar os movimentos com os braços.

Para nadar em secco de barriga para o ar os movimentos são os mesmos. Até hoje as mais minuciosas estatisticas não relatam que ninguem tenha morrido afogado n'estes movimentos preparatorios. Alguns "sportsmen" têm mettido lascas de soalho nas mãos, cahido das mezas abaixo, etc.; mas, felizmente, não tem havido desastre maior.

Quando o discipulo já sabe perfeitamente nadar aprende então a mergulhar. Sobe acima d'uma cadeira e atira-se para o meio do chão, que deve estar revestido de um ou mais cobertores. Da cadeira passará para cima do piano, não convindo exaggerar a altura da queda, pois d'um quinto andar abaixo seria talvez perigoso. Se o discipulo se quer adestrar em conter o folego, pode fazer a travessia por baixo dos cobertores, indo reaparecer na outra margem, ao pé do sofá.

Senhor já dos movimentos da natação solida, passa-se á natação liquida. Convém começar a praticar n'um local onde haja uma altura de agua não superior a cinco centimetros, n'um chamado "mar para linguados fritos".

Pouco a pouco, vae-se um cidadão mettendo pela agua dentro até que, um bello dia, chega á Bocca do Inferno e atira-se cá de cima. Nem tem tempo para verificar aquella lei que diz que um corpo mergulhado n'um fluido perde uma parte do seu peso, etc. Morre logo.

ANDRÉ
BRUM



BIOTONICO
FONTOURA
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE
— DE —
EXTRAORDINARIA EFFICACIA
— PARA —
AMBOS OS SEXOS
— E —
TODAS AS EDADES
(Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias)

Uma coquette que abandona o amante é um soberano que abdica. — Commerson.

X

A mulher que se torna libertina para seu marido está prompta para sel-o com todo o mundo. — Fr. Antonio de Guevara.

X

— Sr. Joãozinho — indaga o professor, — seu pae empresta um conto de réis a um amigo; esse amigo paga a seu pae trezentos mil réis; quanto seu pae reclamará d'esse amigo para saldo da divida ?

— Um conto de réis, professor.

— O senhor não me entendeu, — torna o professor. — Eu vou explicar o caso de outra forma. Seu pae pede emprestado a um amigo

um conto de réis. Dá por conta trezentos mil réis Quanto tem ainda a pagar a esse amigo ?

— Nada !

— Nada ? Sr. Joãozinho, o senhor não conhece a arithmetica ?

— Conheço, sim, senhor; mas...

— ?...

— O sr. professor é que não conhece meu pae !

X

Na antiga Turquia

O Sultão — Que barulho é esse ?

O Grão Vizir — Magestade, são cinco mil mudos que estão lá fora pedindo para falar a vossa magestade.

O Sultão — E elles são mudos mesmo ?

O Grão-Vizir. — Pelo menos é o que elles dizem, magestade.

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro
UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS
no Thesouro.
PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março 110, com frente para a
Rua Visconde de Itaboraity, 67, Extracções diarias ás
2 1/2. e ás 3 horas nos sabbados.

Potins...

Apparencias...

Madame havia sido informada, e de fonte segura, que o marido, o conhecido e prospero commerciante, costumava passar algumas das suas horas em casa da linda viuvinha, sua amiga intima, e que atraioava assim a mais pura das amizades. Um dia, scientificada de que elle se achava lá, correu para alli, e, ao penetrar na alcova da amiga, encontrou-os, em traje de intimidade, elle, apenas de cuécas.

Ao ver-se diante da esposa, o nosso amigo tentou gaguejar.

— Minha filha... — gemeu; — faze de mim o juizo que quizeres...

E sacudindo a cabeça, desolado:

— Todas as apparencias são contra mim ?...

×

Mysterios...

Aquella pequena é um diabrete. Vida livre. Costumes americanos em sociedade brasileira. Interessado por ella, e com os intuitos mais honestos, o joven bacharel, turma de 1924, usou logo da maior sinceridade.

— Fulana, — disse-lhe, — eu tive de você uma informação que muito me contrariou. Disseram-me que você era uma verdadeira "demi-vierge".

— "Demi-vierge" ? — fez a moça, com espanto. — Pois, olha, quem informou isso...

E numa gargalhada:

— Está "meio" enganado !...

Que teria ella pretendido dizer com isso ?

A conta da luz.

Membro de uma classe illustre, o conhecido profissional só pede a Deus, parece, que alguém leve aquella formosa mulher que o Diabo fez e que o sôgro lhe deu. De outra maneira não se explicaria o episodio desta semana.

Entrava o dono da casa no seu lar, quando, vendo luz no quarto da esposa, empurrou a porta, que estava encostada, e viu; lá, em carinhosa intimidade, estava um politico brilhante, figura de relevo em uma das duas casas de Congresso. Sem espanto, o marido olhou por um instante a scena, e, de repente, approximando-se do interruptor da electricidade, indagou do visitante:

— O senhor paga a luz ?

E como o outro permanecesse estarecido:

— Se não paga, eu apago !

Apagou, e... foi embora.

OLHO DE VIDRO

Temos necessidade de aconselhar

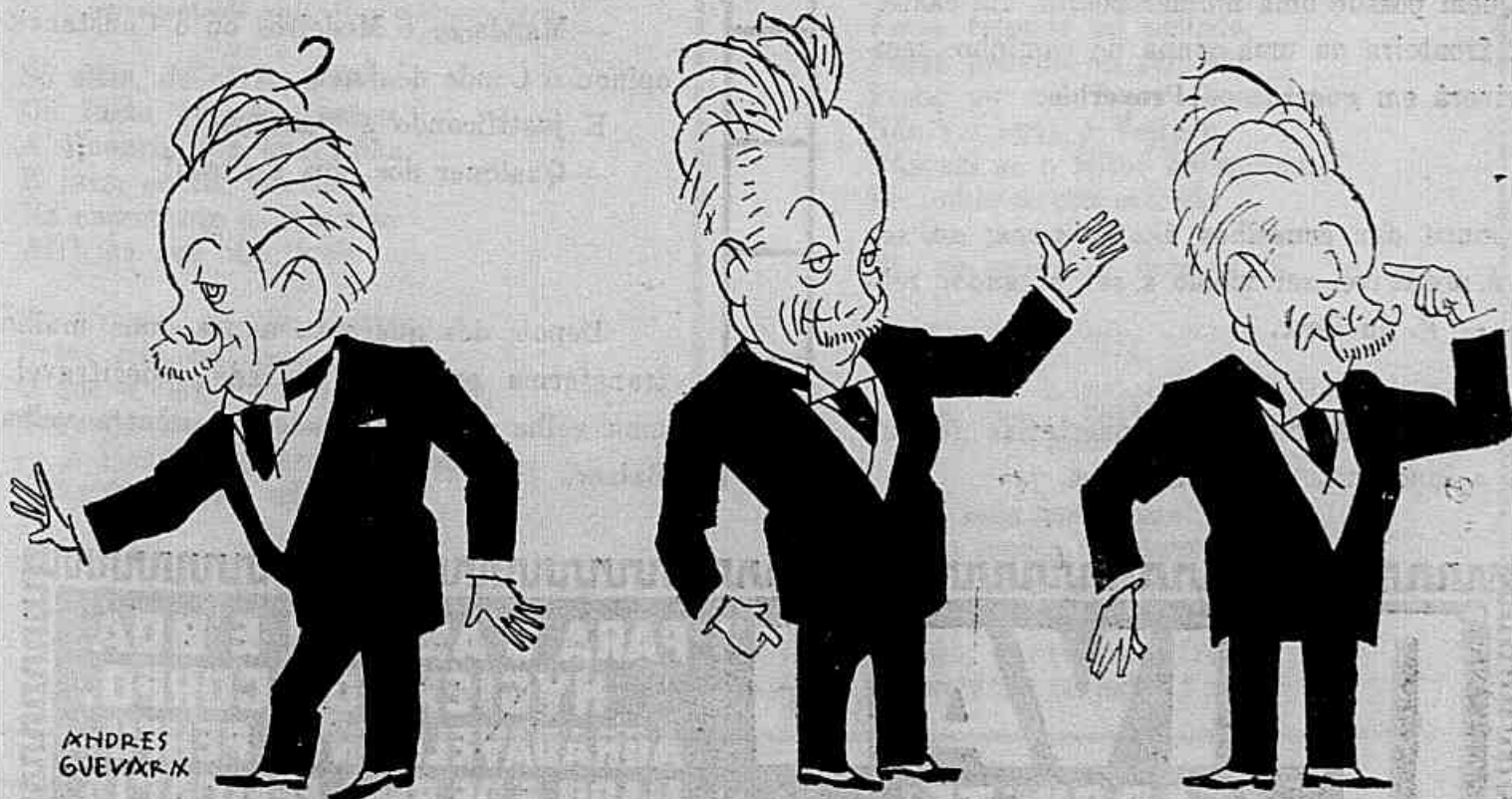


Attesto que tenho empregado em clinica o ELIXIR DE NOGUEIRA, formula do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, obtendo sempre os melhores resultados, nos casos em que o medico tem necessidade de aconselhar um bom depurativo.

Recife, 2 de Maio de 1917.

Dr. Arthur Gonçalves

BOÑECOS FALANTES



O Sr. EPITACIO PESSOA — Eu abonimo a popularidade, Sr. Presidente; tanto assim, que, enquanto a popularidade me faz a côrte, eu vou fazer... a "Côrte" na Europa!...

NEURASTHENIA

Contra todas as manifestações

Neuro-Sôro

Silva Araujo

BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

Em amor, cura-se uma illusão com outra.
— Bacon.

×

A imaginação é uma libertina que desnuda
tudo o que se dezeja possuir. — Ricard.

×

Quem possui uma mulher bonita, um castel-
lo na **fronteira** ou uma vinha no caminho, sem-
pre **viverá em guerra**. — Proverbio.

×

E' inutil dar conselhos ás mulheres; ao seu
lado, é preferivel ser violão a ser pregador reli-
gioso. — P. du Bosc.

×

A mais infallivel das coquetterias femini-
nas é a innocencia. — Lamartine.

BELLEZA E IGNORANCIA

Em uma das festas solemnes da Academia,
appareceu alli uma linda senhora, mas de uma
ignorancia que mettia pena. Urgia, comtudo,
prestar-lhe homenagens, pela sua situação.

— Quem ha de ir conversar com ella? —
indagava o presidente.

— Manda-se o Medeiros ou o Constancio! —
opinou o Conde de Laet.

E justificando a indicação:

— Qualquer dos dois é surdo!

×

Depois dos quarenta annos, uma mulher se
transforma em **uma** charada indecifrável. Só
uma velha é capaz de decifrar outra velha. —
Balzac.

OLIVAN

(SABONETE)

PARA O ASSEIO E BOA
HYGIENE DO CORPO.
AGRADAVELMENTE PERFU-
MADO E DE REAL EFFICACIA

O HUMORISMO NOS ESTADOS

Maranhão

Martellando . . . DE TITO NOVAES

I

"Em Lagoinha, no Estado de Matto Grosso, a mulher de nome Capitolina Bezerra deu á luz uma criança do sexo masculino, cujo rosto é inteiramente de côr negra e o corpo completamente branco."

(Do "Diário" de hontem)

O urubú, quando nasce,
E' alvo, como algodão,
Mas, á medida que cresce,
Vae de côr se transformando,
Pouco a pouco vae tomando
Aquella côr de carvão.

Mas o facto de que trato
Tem facil explicação:
Deu logar a um caso raro...
Capitolina, leitores,
— Metade arranjou no claro,
Metade na escuridão.

II

"Falleceu, ha dias, em Passo Fundo, a octogenaria Maria da Piedade, que deixou cerca de 300 contos de reis, fortuna que adquiriu aos poucos, começando por um ovo de que lhe fizeram presente."

(Dos jornaes)

Certamente que a Maria
Da Piedade não suppoz
Que um ovo rendesse tanto
N'aquelles tempos de outr'ora...
Calcule o leitor agora
Se accaso lhe dessem dois !

III

"Izaura Sodré queixou-se á policia de Waldemiro Reis, vulgo Paraiso, a quem attribue o desaparecimento de um cordão de ouro pertencente á sua afilhada de nome Honoria. Esta affirma que o cordão estava na sua mala, onde "Paraiso" fôra buscá-lo, a seu pedido. "Paraiso" que não nega o facto, declara não ter encontrado mais alli o referido objecto."

(Dos jornaes)

Só elles, de certo, sabem
Do facto que se passou.
A Honoria diz que tinha
E jura, se fôr preciso;
No entretanto o "Paraiso"
Affirma que não tirou !

Ou tirasse, ou não tirasse,
Fosse elle, ou fosse alguém,
O que é certo, o que é verdade,
Segundo disse a madrinha,
— A Honoria, coitada ! tinha,
E agora, leitor, não tem !

IV

"No Mercado Velho descobriram que uma mulher que vende comidas feitas applica, nas feijoadas, pedaços de linguça em estado de putrefacção !

(Dos jornaes)

Se a linguça, mesmo nova,
Já perturba a digestão,
E' de certo, uma razão
P'ra ninguem comer d'aquella.
Nem deviam, na panella,
Tal petisco introduzir !
Muitos males podem vir,
Pode a gente até morrer !
Pois eu sempre ouvi dizer
Que aquillo não mata a fome...
Quem muita linguça come,
Não pode saude ter.

V

"Hontem, no Mercado, como o vendedor de fructas José Leitão se recusasse a dar uns cobres á Maria Leontina, esta, encolerizada, deu-lhe formidavel dentada na orelha esquerda."

(Dos jornaes)

As mulheres todas "mordem,"
Nunca deixam de "morder":
— Algumas, porque precisam,
A's vezes, com sacrificio;
Outras "mordem" só por vicio,
Outras "mordem" por prazer !

As mulheres todas "mordem",
Umas menos, outras mais...
Os homens, porém, que soffrem
Desse "mal" impertinente,
Tanto "mordem" pela frente,
Como "mordem" por detraz !...

VI

"Uma senhora, que luta com grandes difficuldades, vende um cachorro de raça ingleza, muito felpudo e que acode pelo nome de Velludo."

(Dos jornaes)

Fosse felpudo ou pellado,
Fosse pellado ou felpudo,
Fosse ou não fosse obrigado,
Não venderia o Velludo.
Não sei se o leitor me entende,
Se tambem concordará:
— Um cachorro não se vende,
Não se empresta, nem se dá.

VII

"A linha, em carrinho de pau branco, marca — ESTRELLA, — é a melhor e a de mais modico preço, etc."

(Dos jornaes)

Não é toda costureira
Que da marca faz questão;
Tanto faz o pau ser preto,
Como faz o pau ser branco !...
E digo, porque sou franco...
Depende da occasião !

TITO NOVAES



"FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO
DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as edades.

== PORQUE? ==

- 1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVEM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CADAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".
- 2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.
- 3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE ás MOÇAS PALLIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.
- 4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.
- 5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento efficaz que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitaes e Maternidades da America do Sul.

Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 67, em 28 de Junho de 1915

• M A C •

Director: Conwelhoiro xx.

ANNO V -- N. 234

RIO DE JANEIRO, 31 DE JULHO DE 1926

CONTO VENEZIANO

O duque Guiseppe Fierenzuola, o grande senhor cujo palacio todo em marmore rosa é um dos monumentos de Veneza, havia cortado, já, a cidade em todas as direcções, de pé, á prôa da sua gondola de passeio, quando, ao approximar-se do portão largo da sua casa senhorial, viu, no paizão fronteiro, aquillo que procurava como um louco: o vulto triste, o rosto pallido, e banhado de lagrimas, da sua filha, a duquezinha Giovanna, fiór do seu deserto, encanto da sua velhice robusta e gloriosa, cujo desaparecimento lhe fôra, pela manhã, afflicta-mente communiendo pelas aias. A busca em todo o palacio foi inutil. A moça havia dormido no quarto andar, que dava para o canal, e que não possuia outra comunicação. E pela manhã, aberta a porta que se fechava por fora, encontrara-se o aposento vazio e a cama feita. Como se teria dado, pois, o milagre?

Era esse mysterio que ia ser, de subito, desvendado. Ao ver a filha á janella do quarto pavimento do palacio fronteiro, residencia do conde Alessandro Domeniche, o duque Guiseppe Fierenzuola fez parar a gondola no portão visinho, e, com as pernas vigorosas a apparecer, embainhadas nas meias longas, sob o calção de velludo, a mão no copo da espada, as plumas do gorro a tremer na cabeça nervosa, subiu, de carreira, como nos tempos em que escalava o tombadilho das ruas genovezas, a enorme escadaria de pedra do sumptuoso palacio Domeniche. Não era um homem: era um furacão. No quarto andar, fez ressoar uma aldraba de bronze e, em seguida, um ferrolho. E, num minuto, sentia cahir nos seus braços, na solidão do aposento revolto, a filha querida, cujo rosto macerado era um campo de batalha em que se viam, ainda, os cadaveres dos beijos recebidos á noite.

— Giovanna, minha filha, que significa isto? — rugiu o duque, num sentimento negro.

— Pae, — gemeu a moça, — ensopando d'ê pranto o velludo das suas vestes e mergulhando as mãos pequeninas, como duas abelhas brancas numa grande melita, no espinheiro das suas barbas aggressivas; — pae, perdoa-me!

— Mas... que foi?... que houve?... Anda... dize... — pedia o aneião, suffocado.

E a duquezinha contou, soluçando:

— Eu o amo pae!... eu amo ao conde Marino, filho do conde Alessandro... O seu aposento é em frente ao meu... tu o sabes, pae... um de cada lado do canal... Falavamos por gestos, por signaes... Não nos podiamos encontrar, nem ver de perto... Então, esta noite, pae... forte como é, suspendeu elle uma taboa immensa, pesada como uma ponte, ligando a sua janella á minha janella... Eu passei pela taboa e vim... Fram onze horas... Elle retirou a taboa de novo... E ficamos juntos, pae, um ao lado do outro, a noite toda... Eu devia voltar para o meu quarto, antes que amanhecesse...

— E por que não voltaste, desgraçada? — rugiu, entre dentes, o duque.

E a infeliz:

— Por que, de manhã, pae, nem eu tinha pernas para isso...

E multiplicando os soluços:

— Nem elle tinha mais forças... para... suspender... a toboa...

CONSELHEIRO
X. X.



A graciosa "troupe" do "Ba-ta-clan", actualmente no Lyrico, no momento do desembarque no Rio. Acontecimento verdadeiramente "militar"... para os "coroneis", as "meninas" de Mme. Rasimi penetraram na cidade como uma revoada de pardaes

O maniaco por JEREMIAS LOPES

Parecia um desequilíbrio mental, já, aquella mania do commendador Ponciano da Rocha. Homem de negocios, só se interessava pelas questões de cambio, pelo preço do assucar, pela cotação do café, quando, de repente, começou a olvidar tudo isso, para entregar-se, inteiro, á solução de um problema. E era de vel-o parar de repente no meio da Avenida, deter um amigo ou um simples conhecido, e indagar, afflicto, com os olhos no rosto d'elle:

— Diga-me uma coisa: um nó pôde transformar-se em laçada?

O interpellado achava, naturalmente, espirito naquella indagação intempestiva, ria-se da pilheria, e continuava o seu caminho. E o commendador ficava, de pé, immovel, silencioso, ás vezes com a mão estendida, como quem procura deter, inutilmente, o companheiro apressado.

As recepções de Mme. Ponciano, tão concorridas e elegantes, começaram a tornar-se um espantinho, com aquellas consultas do ancião. Puzesse elle a mão a um amigo e ia logo atacando:

— Na sua opinião, um nó pôde transformar-se em laçada?

Um dia, após um conferencia medica na residencia do velho capitalista, foi o commendador agarrado por dois enfermeiros e conduzido, em carro forte, para uma casa de saude, na qual o fui encontrar, ante-hontem, na secção dos maniacos. Ao ver-me, o desventurado correu ao meu encontro, chorando.

— Imagine, meu amigo, — soluçava, com as lagrimas rolando na barba grisalha, o misero Ponciano — imagine que eu tinha tal veneração por minha mulher, a Doninha, que lhe servia, até, de criada de vestir. Um dia, desempenhava eu essas funcções quando, ao apertar-lhe o espartilho, dei, no cordão deste, um nó perfeitamente solido. Minha mulher saiu, só-sinha, e quando voltou, fui, eu proprio, desabotoar-lhe o vestido. E qual não foi o meu susto o meu espanto, o meu escandalo, ao ver que o meu nó, no espartilho, estava transformado numa laçada grande, dessas de duas pontas!

E segurando-me as mãos, afflicto, nervoso, angustiado, numa supplica de metter pena.

— Diga-me, meu caro amigo, diga-me, pelo amor de Deus: um nó pôde transformar-se em laçada?

J E R E M I A S L O P E S

Por não conhecer a língua adaptado de J. S. MARCHAND

O professor Bragança, o conhecido homem de sciencia e operador eminente, passeiava de um lado para outro no escriptorio da sua casa de Saude quando lhe foram dizer que, havia na sala de espera um inglez que pelos gestos, lhe queria falar.

— Mande-o entrar, — ordenou o illustre operador.

Momentos depois dava entrada no gabinete um rapagão forte, robusto, corado, de uns 28 annos, verdadeiro typo da sua raça. Não comprehendendo o illustre professor o inglez, o cliente procurou falar mesmo em portuguez, idioma que conhecia regularmente mal.

— Afinal, que é que o senhor dezeja? — indagou o operador.

— Mim quêrr, senhorr, sêrr opêrrado.

— Operado de que?

O inglez ficou ainda mais vermelho e explicou:

— Mim querr que o senhorr me corta um cousa que eu tenho.

E como fizesse um gesto, o professor deu um pulo para traz:

— O que? O senhor quer ser... eunucho?

— Sim, senhor!

— Está falando serio?

— Estarr falando sérrio, senhorr!

— Está bem! Faça-se a sua vontade.

THEATRO "SÃO JOSÉ"



Regularizado o preço da operação, no dia seguinte era o inglez estendido na mesa cirurgica, chloroformizado, e, como se diz do boi nos sertões, convenientemente "beneficiado". E mostrava-se, na convalescença, satisfeittissimo da vida, quando, na vespera de retirar as gazes, chamou o medico.

— Doutorr, faz favorr.

— Que é?

— Doutorr agora é que eu me lembro nome do opêrraçõ que mim querria faz. Nome operraçõ é — circumcisiõ.

— Era só circumsiçãõ que o senhor querria fazer? — gritou o medico, alarmado. — Mas, desgraçado, poi que você não disse? Agora, é tarde! Agora... não resta mais nada!

— E' que mim, doutor, — observou, calmo, o inglez, — nõ sabia nome porrtguez. Mim nõ conhece seu lingua.

— Pois, meu caro, é tarde, — tornou o doutor. — Agora, você fica ensinado: já ouviu? Porque o seu remedio, de hoje por deante, meu amigo...

E rindo, apesar da sua contrariedade:

— E' ir para a Berlitz! Se não, você não arranja mais a vida!

E continuou a rir, com a desgraça do outro.

J. S.

Marchand

Quadro da peça actualmente em scena no popularissimo theatro da praça Tiradentes, quadro que é, como se vê, uma homenagem aos photographos.

GALERIA DE OURO E "COBRE"



M. PINTO
("Natus est pintus in casca!")

GALERIA DE OURO E "COBRE"

O PINTO, DO "IDEAL"

O brasileiro é, em geral, prevenido com o portuguez. Se em alguns casos essa prevenção é justificada, na maioria ella constitue a mais lamentavel ingratidão. Porque, na verdade, que falta ao portuguez para ser um bom brasileiro? Isto, apenas: ter nascido em Portugal. A culpa é, porém, d'elle? Perguntaram-lhe acaso no oitavo mez da gestação se elle queria nascer em Arcos-de-Val-de Vez ou em Guaratinguetá, no districto de Braga ou no Estado do Rio Grande do Sul? Não. O que dependia d'elle, pessoalmente, para ser um patricio nosso, elle o faz: aqui trabalha, e enriquece; aqui emprega a sua fortuna, cooperando no progresso da terra; aqui se casa, aqui tem filhos e, nos casos em que se faz necessario, até derrama o seu sangue na defeza da patria adoptiva.

O caso de Manoel Pinto, do M. Pinto, ou antes do "Pinto do Ideal", é um documento interessantissimo d'essa verdade. E' elle portuguez?

— Sim! — responderão os portuguezes.

Os brasileiros terão, porém, o direito de contestar:

— Não! O Pinto é brasileiro!

Manoel Pinto nasceu realmente em Portugal, e embora, pareça ter nascido em 1885, nasceu effectivamente em 1877. E em 1888, com a Republica nos sonhos de Deodoro, desembarcava nesta invicta cidade do Rio de Janeiro, com onze annos, apenas, de idade.

Os seus inicios foram, como facilmente se imagina, os das creanças do seu tamanho que se vêem, de subito, arrancadas á patria, á familia, ao carinho do lar, e atiradas em terra estranha. Esse sacrificio do menino contribue para folta-lecer o homem. Desde cedo, começa elle a comprehender que a vida é soffrimento, é trabalho, e que, para affrontal-a, se torna preciso o maximo de resignação. E Manoel Pinto pagou o seu tributo. Trabalhou; luctou; soffreu. E venceu, afinal.

A victoria, que foi grande, não foi, entretanto, facil. Com dezeseis annos, o Pinto não era mais pinto: era um frangote. E como quizesse bem o seu poleiro novo, este Brasil que o acolhera quasi ao sahir do ovo, interessou-se pelos destinos da nova patria, e, em 1894, com dezeseite annos, correu a tomar parte na guerra civil que dividia então a familia republicana. Praça do Batalhão Benjamim Constant, achava que o soldado nasceu para morrer luctando; e tão sinceramente, que, entrando em combate na manhã de 9 de fevereiro, se bateu tão corajosamente, que tombou ferido no campo da lucta. Removido para o hospital de sangue, foi ahi elogiado, e promovido por bravura a 1.º sargento. Após a revolta, e vencido Custodio, recebeu Manoel Pinto as honras de alferes, que lhe foram concedidas pelo governo de Floriano.

A carreira militar não era, comtudo, a sua vocação. Batia-se na guerra, bater-se-ia de novo no caso de necessidade. A lucta que dezejava, e que lhe parecia mais humana, era, todavia, a

lucta pela vida, a lucta pela fortuna, a lucta pelo pão e pela tranquillidade na velhice.

E lançou-se a esta. Atirando-se ao commercio, abriu, primeiro, uma casa de flores e de bilhetes de loteria á rua Senador Pompeu. Ganhou algum dinheiro, e passou-se para a Marechal Floriano, com um varejo de cigarros. E foi com o capital ahi adquirido, que montou, de sociedade com Joaquim Pedro do Couto, o cinema "Paris", em uma zona que, pode-se dizer, não tinha ainda esse genero de diversões.

O successo obtido por essa primeira tentativa no terreno da cinematographia, animou-o a novos empreendimentos. E, um dia, appareceu aberto á rua da Carioca o cinema "Ideal", destinado a movimentar, agitar, animar, aquelle pedaço commercial da cidade.

Entre o soldado de Floriano e o homem empreendedor que surgia, a differença, era, já, enorme. A sua fortuna multiplicava-se. E foi quando teve uma idéa de bohemio.

— E' verdade! — exclamou. — Eu tenho sido um ingrato! Então, o "pinto" ganha "milho" e não se lembra das gallinhas?...

A lembrança não foi, comtudo, das mais felizes. As gallinhas, com pennas ou sem pennas, são sempre traioeiras. A gallinha paga o dono com o ovo. E quem pode contar com o ovo no... ovelho da gallinha?

Manoel Pinto foi, assim, victima das gallinhas. A sua granja avicola, a famosa "Villa Ideal", estabelecimento modelar no seu genero, montado na antiga chacara da familia Ouro-Preto, deu-lhe um prejuizo superior a duzentos contos de réis.

— Bem feito! — dizia elle, depois, rindo de si mesmo.

E com bom humor:

— Quem mandou o Pinto metter-se com as gallinhas? !...

A aventura foi, entretanto, para elle, um novo incentivo. O "Ideal" ia de vento em popa. O Pinto, que passou a ser o "Pinto do Ideal", não o esquecia. Melhorou-o. Reformou-o. Ampliou-o. E de tal forma que, enquanto os cinemas da Avenida se apertavam em cubicalos, o seu se tornava, na rua da Carioca, pela vastidão e pela commodidade, o primeiro salão do Rio de Janeiro.

A adaptação, nelle, de um pequeno palco, despertou no seu proprietario a idéa de experimentar a exploração do theatro. O "Recreio" atravessava uma situação difficil. Os theatros do Rio, estavam, mesmo, em situação precaria. Com um golpe de vista, Manoel Pinto comprehendeu o problema. Fez-se empresario do velho theatro da rua do Espirito Santo. Mandou orçar a primeira peça.

— Pode ser montada com doze contos, — informou o costureiro.

— Gaste cincoenta! — declarou o empresario.

E assim foi com o scenographo com o de-

(Termina na ultima pagina).

A formula do Capitão Ximenes

por BATU ALLAH

Não era, de certo, por economia, que o capitão Ximenes cerrava as dentes, de revolta, ao chegar à pharmacia do Viégas para jogar, à tarde, a sua partida de gamão. Era mais pelo desafôro do Bermudes, o velho agente dos cor-

MOÇAS DE HOJE



— Menina, onde é que tu arranjas tanto livro indecente?

— E' papae que me traz, afim de que eu passe os olhos para ver se mamãe pode ler.

reios da localidade, o qual, invariavelmente, o importunava com aquelle pedido:

— Capitão, venha de lá uma pitadinha!

Pachorrento, o antigo tabellião enfiava a mão no bolso do surrado paletot de alpaca, exhumava de lá uma caixa de rapé, feita de chifre e com um monogramma em ouro, dava-lhe uma pancada na tampa, e, abrindo-a, offerecia-a:

— Tome, amigo velho!

Nos primeiros tempos, aquillo lhe parecia razoavel, simples, natural. Com a continuação,

porém, esse pedido lhe foi apparecendo como um abuso, pois que não era justo que elle comprasse rapé, do melhor, para o nariz dos outros.

— Quem quizer a sua pitada, que a compre, ou que a vá tomar na caixa do Diabo que o carregue! — resolveu certa vez.

A vingança contra o Bermudes não devia ficar, entretanto, na simples recusa. E foi quando, uma tarde, ao ceder-lhe a pitada costumeira, o agente postal indagou, com a sua conhecida labia de "mordedor":

— Mas, capitão, que excellente rapé, o seu! Palavra, como nunca encontrei tão bom, na minha vida.

— E isso é cá um segredo meu, meu caro, — obtemperou o antigo tabellião; — é consequencia de um processo que ninguem conhece. Quer, entretanto, que lh'o revélle?

E com a bocca ao ouvido do Bermudes:

— Esse rapé, eu o fabrico, eu mesmo, em casa. Compro fumo, do melhor, ponho-o a torrar em cima da chapa, mas, juntamente com o fumo ponho a torrar umas duas méchas de cabelo da nuca da Cotinha, minha mulher. Depois, trituro tudo junto. D'ahi esse gostinho delicioso, esse sabor especial do meu rapé. Comprehendes?

— Ahn!... — fez o Bermudes, sacudindo a cabeça. — Só se é por isso!

Essa informação pilherica, foi, parece, um appetitivo para o velho Bermudes. Em vez de uma pitada, queria elle, diariamente, duas. Em Até que, na sua revolta intima, o capitão Ximenes não ponde mais e, um dia, ao chegar em casa, chamou, logo, um dos creados:

— Oh, João?... "Seu" João?...

Appareceu um mulato alto, cara bexigosa.

— João, — tornou o antigo tabellião, — as cabras estão no xiqueiro?

— Estão, sim, senhor.

— Então, você me vae lá, corta um pedaço da barba do bode, ou de outro logar em que o cabelo seja abundante, e traga-me.

No dia seguinte, depois de haver torrado e feito em pó a barba do bode, misturou o velho Ximenes o pó a que a reduzira com um pouco de rapé, encheu a caixa, e tocou-se para pharmacia do Viégas. Ao chegar alli o Bermudes foi logo, pedindo

— Capitão, venha de lá uma pitadinha!

— Pois, não, amigo velho! — offereceu, gentil, o ex-tabellião.

Ao aspirar a pitada, o Bermudes sentiu, porém, de prompto, que um cheiro penetrante lhe entrava pelos gorgovilos, como se o fosse sufocar. Espirrou duas, tres, cinco, dozes vezes. Ao terminar, indagou, os olhos vermelhos:

— Capitão, esse rapé é do mesmo?

— E' do mesmo, — confirmou o outro.

— Feito pelo mesmo processo?

— Pelo mesmo processo.

— Com o cabelo danuca da Dona Cotinha?

— Com o cabelo da nuca da Cotinha.

— Então, capitão, d'esta vez, é que...

Soltou mais tres espirros, e concluiu:

— Você cortou já muito perto do sovaco!...

BATU - ALLAH

O desastre do Raphael pelo ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Não obstante os receios do coronel Evandro, o rico proprietário de "Santa Martha", a grande fazenda encheu-se de gente naquella sabbado. Temendo as asneiras do filho, o Raphael, que se ia casar, o fazendeiro não havia convidado senão os intimos. Os vizinhos, interessados pelo successo, acharam, porém, da sua obrigação comparecer, e d'ahi aquella concurrencia enorme, a ponto de não haver um banco para uma pessoa sentar e nem, mesmo, um pedaço de parapeito, em todo o alpendre da casa.

Aquella curiosidade era, contudo, razoavel. O Raphael era, em todo o rigor da palavra, um paspalhão. Com dezenove annos, fôra sempre, desde menino, um toleirão, apanhando dos outros, fugindo ás brincadeiras fora de casa, e sem contacto, mesmo, com os garotos de sua idade. Assim se creara, assim ficara homem. E era esse rapagão inexperiente, quasi imbecil, que o coronel Evandro ia casar, por simples conveniencia, com a Henriqueta, filha do seu compadre Veridiano, fazendeiro tambem abastado.

— Vamos ter besteira de todo o tamanho! — commentavam os convidados.

Não obstante isso, as duas ceremonias, a religiosa e a civil, correram sem incidentes. Industriadado pelo pae, e como já tivesse assistido a tres outros casamentos, o Raphael portou-se com a discreção de quem não fizera outra coisa na vida senão casar-se. O que, porém, mais preocupava o coronel, era o resto. Casar, o rapaz já havia visto nos outros; a parte secreta do matrimonio, é que era a difficuldade. Só ensinando... Mas, quem iria ensinar?

Despedidos os convidados que moravam mais perto, e accomodados no casarão da fazenda os que deviam partir no dia seguinte, o coronel levou os noivos até a porta do quarto nupcial. Antes, porém, de se fecharem os dois por dentro, o velho fazendeiro chamou á parte o filho, e segredou-lhe:

— Fáfá, eu fico aqui na sala; sabes? Se te acontecer alguma coisa, e tiveres algum medo, chama pelo teu pae... Ouviste?

E abraçando-o:

— Deus te faça feliz, meu filho!

Assim que se viu no quarto, sosinho, em companhia da sua mulher, o Raphael sentiu um arrepio nervoso: arrepio de pavor, de susto, de pudor. Precurou conter-se, mas não poudo. E meia hora depois, era tal o seu estado de nervos, que lhe atacou uma formidavel dor de barriga, daquellas que se podem qualificar de irresistiveis.

Nas casas de fazenda de interior, ha, ainda, em certas regiões, as latrinas de fôssa, dentro da propria casa, e com dois caixões em cima, com dois circulos para a gente sentar-se. Um desses buracos é reservado, em geral, para os liquidos, e outro, para a mercadoria grossa. E foi para este que correu o nobre noivo, acossado pela mais imperativa das necessidades. A pressa, o nervoso, o estado de alma eram, porém, taes, que, com o tremor das pernas, ao acocorar-se no estrado, desequilibrou-se e — zás!

— escorregou para dentro do buraco. Vigoroso, forte, conseguiu, entretanto, deter-se por debaixo dos braços, e largou a bocca no mundo:

— Pa... pae!... Pa... pae!... Eu caí no buraco do côco.

DESCULPAS



- Abriste, então, a porta áquelle sujeito?
- Abri, porque pensava que eras tú.
- E levaste-o para o nosso quarto...
- Mas, filho, eu já não te disse que pensava que eras tú?

O velho sorriu, da sala, cofiando a barba.

— Accommoda-te, por hoje, por ahí mesmo, meu filho! — respondeu, bonnachão.

E rindo, de si, consigo, virando-se para o outro lado, na rêde:

— E o engraçado é que a noiva nem protestou!...

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS



"Girls" do conhecido theatro carioca, de tão gloriosas tradições, as quaes (as "girls", não as tradições) recebem applausos, todas as noites, das 7 3/4 até... acabar.

A verdade saindo do pôço por JOÃO LACTANCIO

O progresso conseguido dia a dia á custa de donativos pela Associação dos Defensores da Virtude exigia, já, da sua directoria, uma séde condigna para a prestigiosa sociedade. O governodera-lhe um edificio vasio. Os clubs de jogo haviam-lhe assegurado uma contribuição mensal de doze contos de réis. Cavalheiros devassos, conquistadores de profissão, tinham contribuido com grandes quantias para serem considerados socios. E foi com isso, com esses haveres, que a instituição se installou regiamente, e resolveu mandar pintar um quadro colossal, mostrando a Verdade saindo do poço, o qual para não ser poluido pelas mãos peccadoras de um artista do mundo, foi encomendado, pela quantia de oitenta contos de réis, ao consocio Pantaleão Siqueira, um dos mais provectos fundadores do gremio.

Ao fim de sete mezes de trabalho silencioso, o commendador Pancrácio Gomes, presidente da Associação, recebeu um convite para ir vêr a obra no "atelier" do artista. Era uma simples visita de confiança, para ver se o tra-

balho estava saindo a contento. E não era para outra cousa que alli estava, na officina do artista, o conspicuo cidadão.

A télarepresentava, de accôrdo com o symbolo, uma linda mulher sahindo de um pôço, mas inteiramente nua, e com o rosto tapado pelas mãos. Ao contemplar o quadro, o commendador Pancrácio sorriu, deliciado. De repente, porém, franziu a testa.

— Amigo Pantaleão, — observou, — esse corpo eu conheço... Esse signalsinho na coxa... Esse seio esquerdo mais cahido do que o direito... Esse outro signal sobre a segunda costella...

E de repente:

— Essa mulher não é a nossa consocia Dona Heloisa, mulher do desembargador Malaquias?

A essas palavras, Pantaleão avançou para o commendador, a mão estendida.

— Amigo velho, toque! — exclamou E radiante:

— Eu sou um artista!... Sou ou não sou?

JOÃO LACTANCIO

CASOS CLÍNICOS

Grammaticalmente, não! por

CHARCOT & PASTEUR

O Jeronymo Breda era um d'esses devotos da grammatica para os quaes um solecismo, um simples pronome mal collocado, constituia cousa mais importante do que o terremoto no Japão ou a guerra de 1914. Para elle não havia grandes generaes nem grandes sabios. Maroni, Santos Dumont, Curie, Edison, Hindemburgo, Foch, Voronoff, — tudo isso era secundario, quando se tratava de Gonçalves Vianna, João Ribeiro, Viterbo, Aulette, Candido de Figueiredo ou Mario Barreto. Estes, sim, é que eram os pro-homens da Humanidade. O resto, era poeira das sandalias do Tempo.

Mal vestido, porco, fazendo a barba uma vez por semana e tomando banho uma vez por anno, o Brêda não tinha nem podia ter cuidados hygienicos com a propria saude. Frequentava, a pretexto de captar "brasileirismos", os logares mais suspeitos, as pocilgas mais immundas. Até que, um dia, para colher substantivos ou adjectivos, casou com a filha de outro collega, o Taveira, professor que admirava o seu talento, a sua capacidade philologica e que mais por vaidade do que por outra cousa, deliberou intercalar aquella gloria na familia.

Seis mezes após o casamento, começaram, porém, a Esmeralda, esposa do joven philologo, a manifestar as molestias mais exquisites. Feridas, rheumatismos, ophthalmia, foram males que a assaltaram, alarmando o pae, o qual, tomando-a á sua custa, levou-a a consultar um medico. E o que este lhe disse foi tão grave, tão impressionante, que o Taveira correu á casa do genro, para bradar-lhe, indignado:

— Você é um miseravel!... Você é um infame!... Você é um indigno!... Como é, então, que você se casa, e transmite a syphilis á minha filha?...

— Eu? — estranhou o Brêda, voltando-se na cadeira eu que lia Frei Luiz de Souza. — Eu transmitti a syphilis á Esmeralda? Você está doido!...

Puxou um volume do "Diccionario" de Moraes, que estava á mão, folheou-o, e leu, alto:

— "Transmittir" — V. art. — deixar passar além; passar a outrem aquillo que se possui".

— Está vendo? — disse, voltando para o sogro. — Logo, não fui eu.

E abrindo os braços, num espanto:

— Como é que eu podia ter "transmittido" a syphilis a outrem, se eu ainda estou com ella?

E dando uma pancada na mesa:

— Grammaticalmente, não!

Charcot & Pasteur

NA "HORA DO DIABO"



— Madame, está ali um moço batendo.

— Se fôr aquelle rapaz que costuma vir aqui, manda entrar.

— E se não fôr?

— E' como se fôsse...



Aspecto de um dos salões do Fluminense F. C., no seu baile de aniversário, e que constituiu um dos acontecimentos da semana.

ZÉ DOS SANTOS NO THEATRO DE GASTÃO PENALVA

O almirante Saldanha da Gama tinha por habito mandar aos espectáculos do Theatro Lyrico, quasi sempre á sua custa, os marinheiros da banda de musica do seu navio afim de estimulal-os na divina arte e educar-lhes o ouvido na audição das velhas e maviosas operas. A principio esse capricho do grande marinheiro foi tomado em conta de exhibicionismo de fidalgo poseur. Condemnou-o o carrancismo da época. A propria maruja implicava com a cousa, chegando a preferir ficar socegada na sua maca a ter que permanecer acordada para assistir a uma festa que começava (dizia ella) depois do toque de silencio, e prolongava-se até ao toque de alvorada. Depois, graças aos resultados colhidos, e ao aproveitamento que os musicos manifestavam por effeito de escutarem boa musica, o gesto do almirante foi louvado, e o habito pegou. Mais tarde, os commandantes que seguiam a escola do bravo de Campo Osorio, e o procuravam imitar até no modo de falar, até na maneira de andar com o pé voltado para dentro, faziam tambem com que os marujos de melhor conducta fossem ao theatro apreciar não só as operas como o repertorio de companhias nacionaes e estrangeiras que enchiam a temporada lyrica e dramatica. Uma tortura para os pobres miquimbys, de outrora, que ferravam no somno de principio a fim da peça.

Até que coube a vez ao Zé dos Santos, moço das luzes da "Gustavo Sampaio", conegação inveterado, que só ia á terra uma vez por mez, no dia do pagamento, afim de comprar fumo e

sabão, cordas de violão e uma ou outra bugiganga para mimosear aos seus companheiros mais queridos. Fôra disso, nada o arrancava do seu barco, da sua maca, do seu pinho, do seu cachimbo e das suas lanternas, que tratava com desvelado carinho, despertando tres vezes por noite para renovar-lhes os archotes.

Não lhe fossem falar em passeios pela cidade, nem divertimentos que lhe eram por completo indifferentes. Votava mesmo singular desprezo aos marinheiros que se atiravam a conquistas, e viviam a pedir permissão para ir á terra enredar-se nos encantos da Therezinha da Lapa, da Cocóta Boca Molle, da Geraldina do Valle, da Córa, da Milóca, da Bem-Bem do Morro do Nhéco, e tantas outras Venus por quem Neptuno á noite abandonava o mar para dormir entre os seus braços.

Certa manhã, pela hora do regresso das licenças, Zé dos Santos recolhia as lanternas de policia, quando chegou o Julio Nascimento, foguista de primeira classe, mettido a conquistador, com grande cotação no dem-monde rebarbativo da Saude e da Gamboa. O outro não se conteve ao ver-lhe a cara extremunhada e o andar tropego de farrista arriado:

— Ih! rapaz. Onde é que você esteve? Tá com cara de quem andou toda á noite á procura da parteira. Aposto que dormiu com mulher...

— Dormi, — respondeu o foguista, meio a trez quartos.

— E' isso. Você tanto anda em terra que até já tá pegando costume de paisano...



Aspecto da Festa dos Combatentes Belgas da Grande Guerra, levada a effeito esta semana: festa de saudade e de patriotismo.

ZÉ DOS SANTOS NO THEATRO DE GASTÃO PENALVA

E lá se foi a resmungar, com asco do parceiro.

Pois, mesmo com toda essa aversão aos hábitos terrestres, Zé dos Santos foi bater uma noite com os costados no S. Pedro, na serata d'onore de Clara Della Guardia. Representava-se a *Dama das Camélias*. E um dos officiaes do navio, encarregado do destacamento, obrigou-o a acceitar uma cadeira na platéa, sob pena de incluil-o no Livro de Castigos, de que o marujo tinha horror, nesse tempo da chibata e da golilha.

— Não, seu tenente. Deixe de brincadeira. Perfiro ir ao theatro.

E foi. Installou-se na sua poltrona de segunda classe, e começou a inspeccionar o salão, antes de levantar o panno, tirando mentalmente conclusões ao seu modo.

O official foi tambem, e ficou de longe a observar a attitude do marinheiro.

Zé dos Santos mirava, remirava, contava as luzes dos candelabros, recordando-se das suas lanternas de bordo, que talvez áquella hora estivessem apagadas, necessitando da renovação de archotes. Olhava para os camarotes com pro-

funda antipathia por toda aquella gente que alli estava, homens e mulheres, e aquelle vasto casarão illuminado que não valia as sombras quietas do seu navio.

O espectáculo começou. Corria o primeiro acto, e Zé dos Santos bocejava de cinco em cinco minutos. No intervallo foi ao terraço refrescar e afugentar a lombeira. Que estopada! Si já não tivesse lóbricado o temível "tenente de companhia", ha muito teria deixado tudo aquillo e disparado para a sua maca.

O official, que o procurava em meio do po-varéo que enchia o páteo, descobriu-o e chamou-o:

— Então, Zé dos Santos. Que tal vae a peça? Tens gostado?

O marujo perfilou-se, fez a continencia e respondeu:

— Seu tenente, V. S. quer que eu lhe diga com franqueza? Isso deve ser muito bom, mas para paisano. Si V. S. dá licença, eu vorto p'ra bordo. Amenhá pode me botá no Livro de Castigo.

E sem mais esperar fez meia volta rumo da sahida, enquanto o official, divertido, desbandeirava em risadas.

G A S T Ã O

P E N A L V A



— Tua cama é enorme... E' grande como um salão!

— Pois, é, filha. Minha cama é o meu salão... E' aqui que eu danço o "shimmy"...

HUMORISTAS HESPAÑHOES

Pela honra da raça por JUAN FERNANDEZ

No seu lindo "boudoir" de mulher altamente mundana, em que tudo denunciava o bom gosto e a boa fortuna, a condessa de Casanova discreteava, confiante, com a sua amiga Eleonora Villanueva, sobre cousas da sua vida familiar.

A condessa de Casanova é uma dessas mulheres elegantes que Madrid admira porque foram, pode-se dizer, fabricadas em Paris. Os seus costumes, as suas tendências, a sua moral, são puramente parisienses. Grande de Hespanha, o conde nutre pela esposa a maior das paixões, perdoadando-lhe todas as leviandades; trata-se, porém, agora, de resalvar a descendencia do casal, e é sobre isso que conversava, no momento, a condessa e a melhor das suas amigas mundanas.

— Eu acho, minha querida, — observa-lhe Eleonora Villanueva; — eu acho que tu tens cuidado pouco em manter a tradição da tua família e a nobreza do sangue de teu marido. Então, pensas que não se commenta em Madrid o casamento da tua filha Mercedes com um simples secretario de legação de origem burgueza, como o Juan Olivero? Já esqueceste os commentarios feitos em torno do casamento de Dolores com o commerciante Ximeno Roiz? E' pre-

ciso que cases os outros com gente nobre, gente de sangue, gente da estirpe, do teu esposo.

Recostada nas suas almofadas, enfiada num rico "peignoir" grenat e ouro, a condessa de Casanova aspirava, de leve, a fumaça de um cigarro turco, a ouvir com displicencia aquella recommendação. Os seios, livres e cuidados de mulher quarentona, entumesciam a seda, beliscando-a, com os bicos grossos, de aves de presa.

— Menina, — declarou, enfim, a fidalga, quando a outra acabou de fallar; — ninguém se tem esforçado mais do que eu para que o sangue dos Casanova se conserve limpo e azul através do tempo. O meu trabalho nesse sentido tem sido este. Não tens visto a minha lucta para que o Rodrigo, meu filho mais velho, case com a neta do marquez de Cienfuegos? Pois, ah, está. O Rodrigo só casará com mulher nobre, porque é o meu primeiro filho, e filho do conde de Casanova.

— Sim; e os outros?

— Os outros, os que vieram depois, tem casado com quem querem, e casarão, ainda, com quem entendam. Que me importa?

E num movimento de enjôo:

— Eu sei lá quem é o pae delles?!

JUAN FERNANDEZ



Grupo que toma parte em um dos quadros da "Chanchada", em vespas de abandonar o cartaz do Theatro "São José"

Ideal de Caboclo de CORNELIO PIRES

Ai, seu moço, eu só quiria
p'ra minha felicidade,
um bão fandango por dia,
e um pala de qualidade.

Pórvia, espingarda e cutia
um facão fala-verdade,
e ua viola de harmonia
pr'a chorá minha sódade.

Um rancho na bêra d'agua,
vára-de-anzó, pôca magua,
pinga bôa e bão café...

Fumo forte de sobejo...
P'ra compretá meu desejo,
cavallo bão — e muê...

CORNELIO PIRES

Scenas domesticas de B. RIBEIRO NIMBOS

Ha visitas em casa. Na cosinha,
Desusado requinte cul'nario
Demonstra que o jantar que se avisinha
tem algo de sumptuoso e extraordinario.

Com o Polycarpo e Dona Francisquinha,
Que trouxeram o filho, o Lodegario,
Para passar uns dias com a madrinha,
Palestra Dona E. ngracia. O assumpto é vario...

Chuvas... festejos... safra... sol... vasante...
Um que morreu... alguém que se casou...
E quando estão num ponto interessante,

Chega o Cazuza, e numa exclamação:
— Mamãe !... Sabe, mamãe ? !... Fifi deixou
Que queimasse a panella do fe'jão !...

B. RIBEIRO NIMBOS

O Maxixe por MENOTTI DEL PICCHIA

Eu não conheço a zona acreana. Imagino-a hirsuta, de uma vegetação violenta, massiça, impervia, onde em cada desvão de furna ha um rugido de féra, e, torcida em espiras, em cada tronco, uma serpente e, silvando no ar, nos interstícios das ramas, settas de indios á cata do alvo branco da pelle forasteira.

No alto, sol do Indostão. Agua aos cachões nos vertiginosos remoinhos das quédas; lezírias nos pantanaes mórns; luas redondas como escudos polidos pelas noite povoadas de duendes e de urros de féras.

Seja inhospita assim ou não seja, o certo é que, quando no inicio do desbravamento daquelle rincão brasileiro, para lá partia missões colonizadoras, iam ellas armadas tartarinescamente. Conduziam comsigo, os bravos penetradores desse sertão desconhecido, carabinas e fa-

calhões, balas e viveres como quem vai fazer uma excursão em territorio inimigo.

Munições de bocca levavam-nas em quantidade. As carnes em conserva eram guardadas em latas redondas, calafetadas com estanho; as demais especiarias iam também resguardadas por eguaes cuidados. Levavam barracas, instrumentos agrarios e scientificos, medicamentos, tudo o que póde necessitar a vida da civilização no sertão bruto.

Certa expedição, composta de militares, seguiu rumo do Acre por uma estrada longa nestas regiões barbaras do "inferno verde". Os pantanaes, que após os aguaceiros se formam com a podridão das folhas e dos troncos, onde os vibrões da malaria vermiculam, onde os jacarés visguentos e esverdeados patinham como imensos lagartos, haviam seccado.

Arranchado nos seringaes encontraram os militares alguns "brabos" cearenses, de fibra dura e craneo chato, e bolivianos tismados, cõr de ocre.

Quando chegaram, armaram seu barracão á beira do rio encachoadado. E os seringueiros famintos acorreram para ver as riquezas que os recém-chegados traziam. Latas e latas de conservas, redondas, reluzentes; carabinas, balas, um grammophone.

Elles não conheciam nada daquillo. Passavam a farinha torrada, peixes pescados nos côvos, caça ferida a bala e a flecha, mal tostada no brazido de gravetos... e os bolivianos comentavam:

— Son ingeniosos los brasileños. Tienen tudo en conserva... Dulces, carne, caramba!

A' noite, porém, para matar saudades do lar distante, das cidades nativas, no barracão illuminado pelas achas crepitantes, trouxeram o grammophone.

— Tenente Penna. Tóque o "Ou vai ou racha".

A agulha, aguda e luzidia, raspou a rodela negra e vincada de um disco. E um maxixe carioca, desses de levantar defuncto, rompeu canalha e lascivo, no solenne silencio da floresta amazonica.

— Caramba! — disse um boliviano que via o sortilegio com olhos fóra da orbita. — Son terribles los brasileños... Han traído hasta musica en conserva...

E os brasileiros riam, enquanto o phone gritava, no silencio da noite, as notas desquadrihadas da mais expressiva das danças nacionaes!

ELEGANCIA CARIOCA



Instantaneo colhido no Largo do Machado, após a missa dominical das onze horas, e em que se alliam a graça e a mocidade

MENOTTI DEL PICCHIA

ALCOVA DOS POETAS

UM NUMERO DO INTERMEZZO
DE
GONÇALVES CRESPO

Ria, tomando chá em torno á mesa,
Da sociedade a flôr:
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

"O amor deve ser ethereo e puro",
O conselheiro diz.
Sorrindo, a conselheira um ai ! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o conego: "O amor destróe mas quando
Sensual, já se vê !"
A donzella pergunta ingenuamente:
"Reverendo, por que" ?

A Condesa murmura em voz dolente:
"O amor é uma paixão".
E a .guida uma chavena offerece
Ao pallido barão.

Era vago um logar em torno á mesa:
Era o teu, minha flôr !
Tu, só tu, poderias si o quizesse,
Dizer o que era amor !

GONÇALVES
CRESPO



ANTES DE COMPRAR QUALQUER
ARTIGO DE INVERNO, SEJA PARA
SI, SEJA PARA SUA SENHORA, SEJA
PARA OS SEUS FILHOS, NÃO O FAÇA
SEM VERIFICAR PRIMEIRO O SOR-
TIMENTO ENORME, EXCEPCIONAL
PELO GOSTO E PELO PREÇO, QUE
TEM A

A "Capital"

OS DEZ MANDAMENTOS

POR

ALVES BARBOSA

IX

Não desejar a mulher do proximo

Não desejes a alheia companheira
E, sempre respeitoso e comedido,
Procura comportar-te de maneira
Que fiques bem aos olhos do marido.

Ante a unica doutrina verdadeira
De todas que nos têm apparecido,
Ha de ir para a satanica fogueira
Quem tiver o caracter corrompido.

A mulher do teu proximo é sagrada.
Não a desejes, pois, se tens criterio
E queres ver tu'alma socegada.

Sê com a mulher do proximo cortez
E, se ella pretender sahir do sério,
Engole em secco e... finge que não vês.

X

Não cubiçar

Cubiçoso não sejas. A cubiça
Leva a alma humana ao fogaréo do inferno,
Satan á inveja a humanidade ati
Para atiral-a ao soffrimento eterno.

Somente á custa de oração e missa,
Ditas com fé e sentimento terno,
A alma do homem, mais pura e já submissa,
Merece a compaixão do Bem Superno.

Foge á ambição, irmão, foge ao peccado !
Caim matou Abel, e o fez, em summa,
Por incontida inveja dominado !

Sê, pois, prudente. Procedendo assim,
Não te perseguirá, de forma alguma,
A caveira de burro de Caim !

ALVES BARBOSA

Conselhos de MAURICE MAGRE

I

As comparações

Passados dois mezes de separação volto a encontrar a minha amante na gare onde veio esperar-me. Puz a cabeça fóra da portinhola para a vêr de longe. Lá está. Fazemos ambos o mesmo gesto de jubilo convencional. Na realidade ambos nos achamos mudados, menos formosos do que pensavamos. Soffremos completa desilusão. Quando se vive permanentemente ao lado de alguém diligenciamos paramentar esse alguém de mil qualidades e quasi sempre conseguimos o que pretendemos. Mas se nos affastamos durante algum tempo e voltamos depois a encontrar-nos, vemo-nos tal qual somos, porque olvidámos todas as mentiras convencionaes da imaginação.

Qual dos dois tomará a iniciativa de cahir nos braços um do outro? E' preciso dissimular a minha impressão e esboço por conseguinte um gesto de ternura. Simplesmente, estende-me a mão. Aperto-lh'a; ella tem um impulso, mas no momento em que levanto do pavimento a mala renunciando a qualquer beijo.

Então penso, para pensar alguma coisa, que nada existe de mais factício do que esses beijos nas gares dos caminhos de ferro; que não convém nem é bonito exteriorisar semelhantes ternuras, dando-nos em espectáculo a extranhos, e que as verdadeiras provas de sympathia existem no fundo dos corações.

Junto de mim, comtudo, ha gente que espontaneamente se abraça, se permuta beijos, gritando e gesticulando. Dissimulam? Afivelam ao rosto mascaras de hypocrisia? Não parece. São naturezas vulgares — penso ainda para ainda pensar alguma coisa.

Espero que despachem as bagagens. Ao meu lado está uma mulher muito mais bonita que a minha amante. Os cabellos, em vez de ser pintados de louro, são de côr natural. Não tem no pescoço aquelle vinco, tão visível para mim, que noto com tristeza no pescoço de Paulette. Com que gosto veste! Tem um busto delicioso e a côr dos olhos agrada-me infinitamente. Parece-me que lançam um olhar ironico para o chapéu da minha amante. Examino-o por meu turno. E' bizarro e complicado. Veio sem duvida de alguma modista mediocre. E' comtudo o chapéu mais bonito que possui, estou convencido d'isso e Paulette pol-o na cabeça para vir esperar-me á estação e produzir a meus olhos um effeito inesperado. Como o pequenino chapéu simples da bella desconhecida, assentando n'uma opulenta cabelleira loura, é preferível!

A comparação suscita o desejo e sentimento tanto mais fortes, quando maior ella é.

II

O homem que tem apenas uma mulher

Ha no quarto que fica precisamente em frente do meu, e cuja janella abre para o pátio, um cavalheiro e uma senhora. O cavalheiro vive com ella e só com ella. Nunca se vê no quarto nenhum outro homem nem nenhuma outra mulher.

O cavalheiro e a senhora sahem juntos. Regressam também juntos. São ociosos. Não teem cara de gente que se adore com paixão. Não parece que vivam aborrecidos. A senhora é magra. Tem um nariz enorme, a apparencia d'um grande passaro assombrado e sem azas. De manhã abre a janella e, vestida com uma camisola cinzenta, entrega-se a trabalhos caseiros. Para tal fim e indubitavelmente para não sujar as mãos calça velhas luvas brancas.

Como é que o tal cavalheiro, bem apessoado e que poderia possuir outras mulheres, tem a coragem de viver apenas com uma que calça luvas ás oito horas da manhã?

Se pensasse levianamente, seria levado a crêr que o visinho me inveja, que me admira pelo facto de vêr constantemente no meu quarto mulheres bonitas e elegantes. Mas tal não succede. Sinto no olhar d'elle que reprova o meu procedimento. Julga-me um homem deshonesto, um typo que não é serio. E a sinceridade d'esta reprovação destaca-se da sua attitude correcta quando nos encontramos na escada e me cumprimenta.

Este homem tem apenas uma mulher feia. Será possível? Talvez um caso unico, monstruoso. Quem sabe se não é doido? Mas tudo faz crêr que o não é. Não grita, não gesticula, não se dá a bailados extravagantes.

Talvez essa mulher de nariz muito grande o tenha convencido de que não ha estabelecimentos onde se toma delicioso chá, grandes armazens onde formigam raparigas sedutoras com bellos vestidos e fórmagraciosas. Tem uma venda nos olhos ou é victima d'algum sortilegio. Talvez ame esse symbolo de tristeza, esse manancial de tetricos pensamentos, e seja também amado. Será, porém, possível que o amor, qualquer affeição deliciosa, se alberguem em semelhante carcassa? Poderá o amor existir sem um pequeno clarão de belleza?

MAURICE MAGRE

ACABA DE APPARECER

EM NOVA EDIÇÃO:

Gansos do Capitolio

CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)

PEDIDOS A'

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 13, 17 e 19

Rio de Janeiro

Livros que devem ser lidos por todos

Catalogo de sellos do Brasil	10\$000
Amor e casamento — pelo Dr. Vieira Filho — pensamentos, maxims e sugestões.	5\$000
A tentação (romance naturalista), um esplendido vol. br.	2\$000
A dança do coração — Sugestivo romance do grande Emilio Zola	2\$000
A marcha nupcial — Romance realista, 1 vol.	3\$000
No fundo do abismo — Impressionante livro de Jorge Ohnet . .	5\$000
Entre o amor e a ternura.	6\$000
Ellas na intimidade — Amor e conveniencia, a philosophia e o amor	6\$000
As virgens — Vibrante novella de amor por Valeriano de Campos	3\$300
Os meus peccados — E' um livro de aspectos intimos de Souza Costa.	5\$000
Coisas da Vida — Contos	4\$000
As carapuças — Quadras satiricas por Leão Martins	2\$000
O morto que mata — E' um livro de aventuras policiaes.	3\$000
Contos do Vigario — Contos humoristicos	2\$500
Elzira a morta virgem.	1\$500

Grande collecção de aventuras

de Emilio Salgari a 3\$000

Dramas da Escravidão	O Rei do Mar
Mysterios do Polo Norte	Os Tigres da Malasia
A Perola Vermelha	A Mulher do Pirata
Os Pescadores de Perolas	A Formosa Judia
As Filhas dos Pharaós	O Filtro dos Califas
A Filha do Sol	A Perola de Latuan
As Pantheras de Argel	Os Estranguladores

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de 600 réis mais e dirigidos á

CASA BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78

No prélo == Diccionario Medico Encyclopedico do Dr. Ricardo D'Elia

(Cont. do Pinto do "Ideal")

corador, com o electricista. E, em breve, o "Recreio" marcava uma nova epoca na vida theatral do Rio de Janeiro, pela novidade das suas encenações e pela riqueza das suas montagens.

— E' um louco! — gritavam os empresarios.

O certo, é porém, que Manoel Pinto operou a ressurreição do "Recreio", transformando-o em uma das casas de diversões onde vae ter, sem receio, a sociedade chic, elegante e, mesmo, exigente, da capital do Brasil.

Intelligente, de uma perspicacia assombrosa, é elle proprio que examina as peças, dando parecer sobre ellas.

— E' um quadro de successo! — affirma o autor.

— Este quadro não dá! — objecta o empresario.

O quadro é experimentado. E cae. O Pinto é quem tem razão!

E o certo é que, sob a sua direcção, o "Recreio" é, hoje, um theatro que honra o Brasil. A elle, consagra Manoel Pinto a sua acuidade de homem de negocios e, ao lado d'ella, uma argucia artistica verdadeiramente assombrosa.

— "Mortus est pintus in casca!" — costumavam dizer os antigos professores de latim.

D'este, porém, pode-se dizer:

— "Natus est pintus in casca!"

Porque, de facto, este Pinto... nasceu "impellicado" !....

JOÃO KAETANO

A serpente faria uma ferida mais perigosa se embebesse o seu dente no coração de uma mulher coquette. — **Poincelot.**

X

As maiores inimigas das mulheres são ellas mesmo. — **Duclos.**

X

Eu já fiz tudo com as mulheres e ellas já fizeram tudo de mim. — **Oriam.**

X

As mulheres começam a corromper-se pela vaidade, a ociosidade e o luxo; os homens acabam de corromper-as pela galanteria.

Rochebrune

X

Um louco é capaz de tudo; menos de falar mal da vida alheia. — **Oriam.**

X

O amor é um silencio barulhento. — **Oriam**

X

Ha mulheres que amarram mais depressa um amante do que um collete. — **Gommerson**

X

Entre namorados o que mais existe, é liberdade; entre noivos, ciumes; e num casal, enjôo.

Oriam.



PARA DÔRES
RHEUMATICAS
CONSTIPAÇÕES
DÔRES NO PEITO E NAS COSTAS
eu e minha familia
sempre usamos

**EMPLASTRO
PHENIX**

OPTIMO NOS RESULTADOS

MARCA



REGISTR.

Chegou o inverno!

Quereis um remedio seguro contra o frio?

Lêde as obras do

— O autor mais alegre! —

— O humorista mais subtil! —

CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
Da Academia Brasileira de Letras

O unico escriptor brasileiro cujas edições
já alcançaram mais de 100.000 exemplares!

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT

18.º milheiro, br. 5S, enc. 6S500

O TONEL DE DIOGENES

16.º milheiro, br. 5S, enc. 6S500

A SERPENTE DE BRONZE

16.º milheiro, br. 5S, enc. 6S500

GANSOS DO CAPITOLIO

17.º milheiro, br. 5S, enc. 6S500

A BACIA DE PILATOS

12.º milheiro, br. 6S, enc. 7S500

A FUNDA DE DAVID

6.º milheiro, br. 6S, enc. 7S500

GRÃOS DE MOSTARDA

6.º milheiro, br. 5S, enc. 6S500

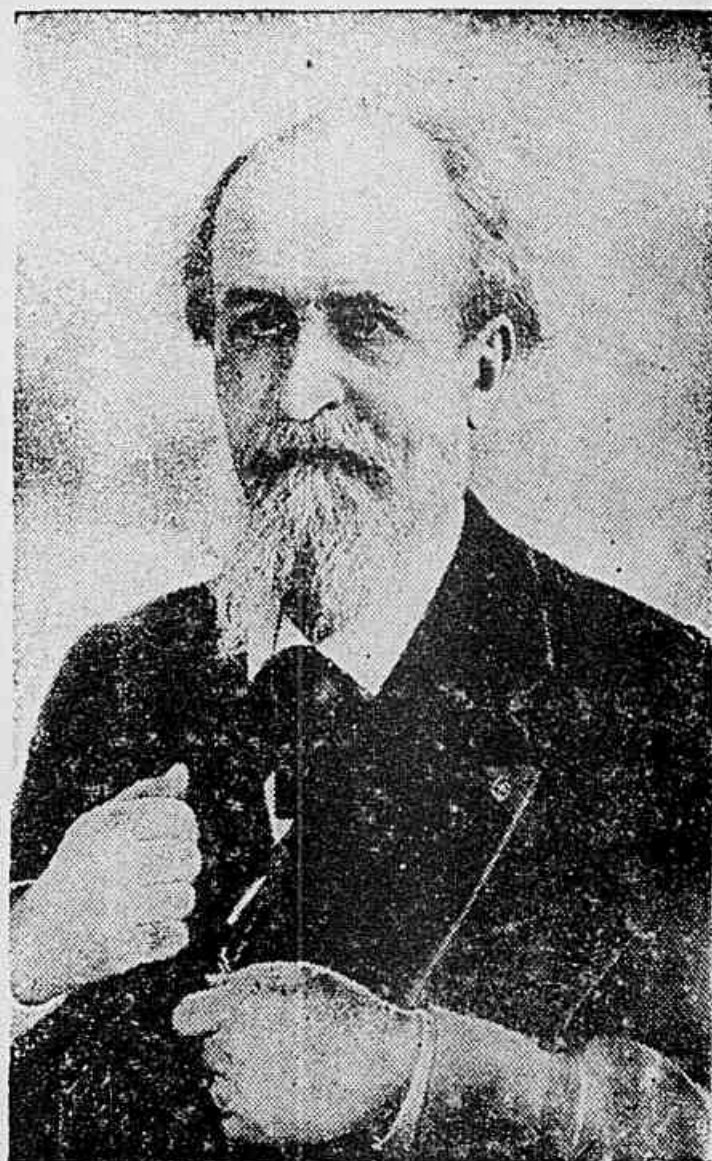
POMBOS DE MAHOMET

6.º milheiro, br. 6S, enc. 7S000

ANTHOLOGIA DOS HUMORISTAS

GALANTES

6.º milheiro, br. 6S, enc. 8S000



Qualquer destes volumes contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, e constituindo o melhor remedio contra a tristeza, e consequentemente, o melhor tonico para a alma.

A apparecer *Alcova e Salão* (Anecdotas galantes de todos os tempos e de todos os povos) e *O Arco de Esôpo* (continuação dos «Pombos de Mahomet»)

PEDIDOS À LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19

RIO DE JANEIRO